

## “Ô soooooor..., qual é a senha do Wi-fi?”

Cartografia de algumas tensões e construções relacionadas ao devir digital na E.M.E.F Prof<sup>o</sup>.  
Emílio Meyer, São Leopoldo - RS<sup>1</sup>

*Gustavo Herscovitz<sup>2</sup>*

**Resumo:** O trabalho se orienta para a composição de uma cartografia do devir digital no desenrolar dos anos de 2018-2019 em alguns territórios da Escola de Ensino Fundamental Prof<sup>o</sup>. Emílio Meyer, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Foram observados alguns acontecimentos relacionados aos muitos fluxos desejantes dos estudantes em busca pelo acesso à internet, especialmente àqueles conectados às maquinarias do mundo digital: o aparelho celular e os aplicativos das redes sociais. O processo de “tornar-se” digital, ainda em pleno movimento, produz, dentre múltiplos sentidos e significados, tensões em vários territórios da escola. Questiona-se: o que se produziu na interação das múltiplas máquinas digitais acopladas à maquinaria escolar, quais os desdobramentos desses encontros maquínicos?

**Palavras-chave:** Devir, Digital, Escola, São Leopoldo, Cartografia.

**Summary:** The work is oriented towards the composition of a cartography of the digital becoming in the course of the years 2018-2019 in some territories of the Prof<sup>o</sup>. Emílio Meyer fundamental school, located in São Leopoldo, Rio Grande do Sul State, Brazil. The article expatiates about 3 events related to the students desiring flows on a search to get the access to the internet signal inside the school. There were selected 3 events that illustrate the relations between the machinery of the digital world inside a Brazilian public school: specially the ones that are related to use of the cell phone and social network applications. From the multiple encounters that the school territories provide, what are the tensions that were produced in the interaction of the multiple digital machines coupled to the school machinery?

**Keywords:** Becoming, Digital, School, São Leopoldo, Cartography

**“Hey Teacher..., what is the Wi-Fi password?” Cartography of some tensions and constructions related to becoming digital at E.M.E.F Prof<sup>o</sup>. Emílio Meyer, São Leopoldo - RS**

---

<sup>1</sup> Artigo composto a partir do capítulo 03 da dissertação Cartografia do devir digital na E.M.E.F prof<sup>o</sup>. Emílio Meyer, agosto de 2020.

<sup>2</sup> Graduado em História pela PUCRS em 2002. Servidor público no cargo de professor de História do município de São Leopoldo (2006 até atualmente). Mestre em Educação (PPGEDU) pela Ulbra - Canoas/RS, 2020. Atualmente bolsista Prosup/Capes, estudante do terceiro semestre do Doutorado em Educação (PPGEDU), Ulbra - Canoas/RS. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6328724984192456> Contato: [gustavoherscovitz@gmail.com](mailto:gustavoherscovitz@gmail.com)

## 1. Recortes e retalhos teóricos

A pergunta-título-problema deste trabalho emergiu em muitos momentos encarnada nas vozes singulares dos estudantes durante os anos letivos de 2018 e 2019 na E.M.E.F. Profº Emílio Meyer de São Leopoldo, Rio Grande do Sul<sup>3</sup>.

No multifacetado platô da educação brasileira, onde se verificam regularmente tentativas de cristalização de conteúdos reterritorializados na forma de respostas prontas, as perguntas sobre o cotidiano são valiosas.

No caso dos jovens estudantes da periferia de São Léo (apelido carinhoso da cidade, que tem na sua paródia “São Hell”, outra percepção sobre seu território), os acontecimentos-perguntas transbordam na forma de ferramentas eficazes da linguagem, não respeitando, dentro da disciplina escolar, nem hora nem momento para acontecer.

Questionamentos que anseiam, dentre outros desejos mil, o acesso às máquinas das tecnologias digitais contemporâneas<sup>4</sup>, vitais para que os estudantes consigam se estender às redes sociais.

O “tornar-se” digital é um processo que nunca será acabado<sup>5</sup>. Porém, não podemos ignorá-lo como se nada estivesse acontecendo, pois a presença da maquinaria relacionada às tecnologias digitais afeta as rotinas escolares do mundo todo.

Na ametropia de uma rotina escolar conturbada, as lentes do devir digital buscam desembaçar um pouco alguns acontecimentos gerados durante os encontros das hecidades digitais com o cotidiano de uma escola pública brasileira na contemporaneidade, com destaque para a imponente presença da máquina-telefone celular<sup>6</sup>.

Para compor essa cartografia foram analisados 3 eventos na interação dos estudantes com a maquinaria digital dentro do rizoma “Emiliano”: busca dos alunos pelo acesso à internet da escola (Dezembro de 2018), Conselho de classe do segundo trimestre de (Junho de 2019) e atualização da escrita do Regimento escolar (Março a Dezembro de 2019).

---

<sup>3</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada no bairro Feitoria, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>4</sup> Máquina-telefone celular, máquina-modem, aplicativos como Whatsapp, Facebook ou Instagram.

<sup>5</sup> “Digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números” (LÉVY, 1999, p. 46). Desta forma, a partir da linguagem binária, qualquer informação pode ser digitalizada (imagem e som).

<sup>6</sup> Dos Estados Unidos para o mundo, sua tecnologia revolucionária está na base da comunicação na contemporaneidade (presente em muitos âmbitos da vida como escritórios, favelas, templos religiosos, calçadas com ou sem pavimentação, bares, hospitais, escolas...). Conseqüentemente, um mundo de novos recursos também começaram a surgir (e-mail, internet 2.0, câmera, GPS, Touch screen), ao passo que, em diferentes velocidades, foram cada vez mais sendo absorvidos ao cotidiano da maioria das sociedades mundo afora.

A escola agenciadora de desejos, aclamada como “crisálida do socius”, está intrinsecamente ligada a esse processo, pois há muito uma enxurrada de máquinas tecnológicas “varreu” seus sagrados domínios.

Admite-se que as máquinas digitais foram integradas ao nosso “tecido social” por acoplamentos maquínicos desejantes de toda espécie: “Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos e suas conexões” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p.11).

As máquinas-tecnológicas já existem há muito tempo em sincronia com a vida humana, porém, é relativamente recente a invasão dos dispositivos de tecnologia digital. Desses encontros maquínicos, se formam as subjetividades contemporâneas:

Como falar de subjetividade hoje? Uma primeira constatação nos leva a reconhecer que os conteúdos da subjetividade dependem, cada vez mais, de uma infinidade de sistemas maquínicos. Nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos, de narratividade pode, daqui para frente, ter a pretensão de escapar à influência invasiva da assistência por computador’, dos bancos de dados, da telemática, etc... (GUATTARI, 2011, p. 177).

Especialmente na contemporaneidade, a maquinaria tecnológica se faz presente e reverbera na escola<sup>7</sup>. Desta forma, admite-se que as máquinas tecnológicas são parte importante do processo educativo, não podendo ser dissociadas do processo de formatação das “formas de ser no mundo” contemporâneas: “Sujeições e subjetivações servem essas máquinas sociais e técnicas, e as funções e os papéis de cada pessoa são atribuídos através delas” (LAZZARATO, 2014, p. 31).

Tais processos de subjetivação ocorrem devido aos encontros que o agenciamento educacional proporciona entre os corpos e o mundo material-simbólico no qual estamos inseridos:

É que enquanto se está vivo não se pára de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros. Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território em que até então nos reconhecíamos” (ROLNIK, 1989, p. 47).

---

<sup>7</sup> Bem como o Quadro-Negro, Giz de cera, canetas, cadernos, estojos, “merendeiras”, garrafas, ventilador, ar-condicionado.

A escola é, basicamente, lugar de encontros. Nela se produzem múltiplos afetos e afetamentos, pois todos os dias surgem novas conexões, mesmo com pessoas, situações e maquinaria já conhecidas. Cada dia um novo pacto é firmado, pois, de acordo com o devir Heracliano, nunca se entra na mesma sala de aula 2 vezes.

E, por mais que exista uma grande tentativa de se promover um ensino homogeneizador, cada singularidade reage de forma diferente ao ambiente em que se encontram. O espaço escolar também é transitório e mutante.

Entende-se os espaços escolares (virtuais e físicos) a partir de uma perspectiva de mixornia, negando essencialismos, sem juízos de valor pré-estabelecidos sobre os efeitos produzidos pelas máquinas tecnológicas na comunidade escolar, pois elas não são consideradas nem boas nem ruins, dependem do uso que se faz delas:

Que as máquinas sejam capazes de articular enunciados e registrar estados de fato ao ritmo do nanossegundo, e talvez do pico-segundo, ou produzir imagens que não remetem a nenhum real representado, isso não faz delas potências diabólicas que estariam ameaçando dominar o homem (GUATTARI, Op. cit.).

Uma vez que essas máquinas tecnológicas digitais foram reterritorializadas no agenciamento escolar, elas produzem inúmeros micro-acontecimentos com diferentes intensidades e velocidades, que inauguram novos devires.

Devir é o desenrolar do acontecimento, caminhos infinitos que se inauguram a partir dos encontros, abrindo espaço para novas potencialidades: “Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza” (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 3).

Núpcias, nesse caso, entre a realidade escolar e as máquinas da tecnologia digital: tanto a realidade escolar foi capturada pelas tecnologias (em suas metodologias, registros, comunicação, alarme, etc), quanto a escola ajuda a produzir subjetividades consumidoras e ostentativas que cada vez mais se acoplam a essas tecnologias.

A cartografia de Deleuze e Guattari foi o anti-método utilizado para o registro da caminhada, dentro do devir investigativo. Nela, não se busca por uma posição neutra, mas sim, um relato dos afetamentos produzidos, que “cortam” cartógrafo durante a pesquisa: “A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (PASSOS, BARROS, 2009, p. 17-18).

O cartógrafo assume a posição de “caçador de devires”, posição na qual precisa estar muito sensível a tudo que chega ao seu redor, deve aumentar a capacidade de absorver as informações que mexem com seus sentidos, entrando em sintonia com os afetamentos mais intensos ocorridos no percurso:

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago (ROLNIK, Op. cit, p. 15-16).

Neste platô epistemológico, admite-se que a posição do pesquisador não é neutra, pois se concentra naquilo que “desconcentra” seus sentidos. Todos acontecimentos que nos “cortam” e despertam intensas variações no nosso campo sensorial serão objeto do seu estudo, a pesquisa é composta a partir dos afetos percebidos e criados<sup>8</sup>.

Quais afetos escapam na escola a partir dessa interação maquínica entre estudantes e o acesso à rede? Que mundos se desmancham e que devires são traçados na tentativa de saciarem seus desejos relacionados ao acesso e uso da tecnologia? Quais linhas de fuga surgem, apontando para novas rotas inventadas no intuito do acesso à comunicação?

Afetos que escapam, traçando linhas de fuga o que nada tem a ver com fugir do mundo. Ao contrário, é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando um devir devir do campo social: processos que se desencadeiam; variações infinitesimais; rupturas que se operam imperceptivelmente; mutações irremediáveis. De repente é como se nada tivesse mudado e, no entanto, tudo mudou. O plano que essa linha cria em seu movimento é feito de um estado de fuga (ROLNIK, Op. cit, p. 47 - 48).

Para a composição desta paisagem escolar foram escolhidos alguns acontecimentos que “pediram passagem” na observação deste “viral” tecnológico na escola: .

## **2. E.M.E.F. Profº. Emílio Meyer na contemporaneidade**

---

<sup>8</sup> Foram registrados os afetos e afetamentos criados durante o trajeto, especialmente aqueles que acabando “cortado” nossa percepção encarnados em cenas, cheiros, sentimentos, barulhos, que destoam do andamento regular da instituição.

No ano de 2006 a E.M.E.F. Prof<sup>o</sup>. Emílio Meyer já era uma referência no bairro histórico da Feitoria. Atendendo a mais ou menos 1000 estudantes anualmente, desde 1961 a escola abre suas portas para uma comunidade bastante heterogênea. Entre os anos de 2006 e 2010 eram raros os aparelhos celulares encontrados na escola, especialmente entre estudantes.

Território responsável pelo esforço de produção de jovens cidadãos aptos ao convívio social e ao mundo do trabalho, a escola é lugar (como qualquer outro tipo de espaço dado a ajuntamentos) de transbordamentos de opiniões, pensamentos, conflitos, afetos, excessos, disciplina, controle, narratividade, dentre muitas outras produções.

Pode ser considerada um agenciamento privilegiado no processo de subjetivação capitalista contemporâneo. A grande maioria das sociedades neoliberais de hoje possui uma profunda relação com a Revolução Industrial europeia do século XVIII e o mundo das máquinas que dela surgiu.

Neste passado que se confunde com o ontem, onde nada parece ter mudado, mas que tudo mudou, uma incontável produção de novas tecnologias, foram sendo assimiladas em nossa sociedade.

No ecossistema escolar do século XX, a comunicação entre escola e famílias era feita através de outras máquinas-tecnológicas, dos quais se destacam os cadernos e as agendas.

Em um desses fluxos do caderno, escola e famílias tentam alinhar seus interesses através de bilhetes colados no seu interior - demandas contingentes que emergem dos encontros de um cotidiano populoso, ou já programadas no calendário escolar, que costumavam surgir exclusivamente na sala da direção ou na secretaria.

O bilhete é exemplo de um recurso tecnológico analógico essencial para a comunicação escola-comunidade, reterritorializado no mundo contemporâneo. Seu objetivo é aproximar distâncias, pois são agenciamentos de transmissão, pensados para acoplar a maquinaria escolar com cada família da maquinaria social admitida em seus territórios.

A demanda é então transformada através do computador dos secretários em bilhetes digitais (contém telefone, endereço e logotipo da escola, a explicação da demanda, local para assinatura e ciência dos pais e/ou responsáveis).

Após revisão da equipe diretiva, são dados os comandos para a impressora criar a matriz analógica de papel e tinta, que a máquina fotocopadora multiplica, enquanto a guilhotina afiada finaliza o processo ao produzir o corte no papel em tamanho reduzido que lhes é característico.

Depois de prontos, são levados aos estudantes pelos professores que entram para dar aula naquele momento. Ao professor cabe a explicação, explicação de dúvidas e garantir o retorno das assinaturas dos pais e responsáveis.

Ao revisarem os cadernos ou serem avisados pelas crianças, os responsáveis leem a demanda, assinam, e, no dia seguinte, o professor regente da turma recolhe o material e compartilha os rumos do devir bilhete. O mesmo acontece no fluxo inverso, onde os pais/responsáveis questionam o professor sobre alguma informação pertinente para o momento.

Sincronicamente com as mudanças sociais e as novas invenções, a comunicação escolar vem sofrendo modificações ao longo do devir escola, o uso do telefone fixo analógico, por exemplo, também reverberou sobre o território escolar.

Porém, como já dizia o célebre Barão de Itararé: “há algo no ar além dos aviões de carreira”: ao desembarcar no território escolar, a máquina-celular produziu mudanças na escola: o aparelho é a porta de entrada para as redes sociais, rizomas digitais onde ocorrem encontros de múltiplas intensidades na interação das nossas extensões digitais.

Antes detentora do monopólio da comunicação entre a escola e a sociedade, equipe diretiva e secretários, aos poucos, passaram a ter que lidar com a possibilidade de serem praticamente excluídos de uma comunicação contínua entre os jovens e qualquer interlocutor com quem desejarem falar.

Possíveis graças ao novo tipo de interação proposto pela internet 2.0, as redes sociais também fazem parte desse cenário: “São redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas, especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da sustentada” (CASTELLS, 2016, p. 443).

O desenvolvimento desses novos ambientes virtuais, povoados pelas nossas extensões desejantes, finalmente permite acesso a esse platô de multiplicidades conectáveis, disponível 24 horas por dia.

Dessa forma, ao perfurar o tecido social de maneira nada uniforme, a presença do agenciamento celular + rede sociais começou se fazer presente também dentro dos rígidos muros da escola.

Professores (inclusive os mais resistentes - que não são necessariamente os mais velhos), funcionários, pais e estudantes<sup>9</sup>, por inúmeros motivos logo começaram a trazer seus

---

<sup>9</sup> Grupos ou duplas sorrindo ao dividir a mesma tela do celular, compartilhamento de músicas para compor a coreografia da Festa Junina, o volume inconveniente do toque de celular em um momento sério em reuniões...

aparelhos em suas jornadas diárias na escola. É muito comum se desenvolver, inclusive, um apego emocional em relação à máquina<sup>10</sup>.

### 3. Caçadores de Wi-fi: quando fluxos desejantes encontram fluxos digitais

Os estudantes do século XXI experienciam o devir ciborgue<sup>11</sup> como condição imanente a existência dos seus corpos e, dentro das relações de consumo, começaram a ostentar cada vez mais seus celulares na escola:

O protagonista das trocas comunicacionais é esse corpo novo, virtualizado, capaz de extrapolar seus antigos confinamentos espaciais: esse organismo conectado e estendido pelas redes teleinformáticas. (...) explorando a possibilidade de abandonar as coordenadas espaço-temporais inerentes à materialidade do corpo para interagir com outras pessoas a distância em ambientes sintéticos criados no computador (SIBILIA, 2012, p. 57).

E como negar ao acesso a esses novos tipos de corpos, que tem na rede uma das principais fontes de interação com o mundo? A internet, esse fluxo alucinante de dados, é uma das principais razões da presença de celulares na escola. Em São Leopoldo, a partir de 2008 graças ao programa Proinfo<sup>12</sup> as escolas foram recebendo materiais necessários para se estabelecer o acesso à rede<sup>13</sup>.

Nos anos de 2018 e 2019 os estudantes ainda não possuíam acesso ao sinal de internet na escola, pois o Wi-fi só poderia ser acessado mediante senha, que não era revelada aos

---

<sup>10</sup> Nomofobia: experimente tentar separar qualquer pessoa do seu aparelho celular.

<sup>11</sup> O Ciborgue é um conceito elaborado por Donna Haraway, que coloca o ser humano como híbrido entre o natural e o artificial (HARAWAY, 1985).

<sup>12</sup> Sobre o Proinfo: “O Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) foi criado pelo Ministério da Educação, em 1997, para promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. A partir de 12 de dezembro de 2007, mediante a criação do Decreto nº 6.300, foi reestruturado e passou a ter o objetivo de promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.” Retirado de: <https://www.fnde.gov.br/programas/proinfo/sobre-o-plano-ou-programa/sobre-o-proinfo>. Acesso em 21/12/2022.

<sup>13</sup> O sinal de internet no município de São Leopoldo começou a existir a partir do ano de 2008 a partir do programa governamental chamado Proinfo (Programa Nacional de Tecnologia Educacional). Inicialmente o sinal da rede não possuía a intensidade suficiente para que toda a comunidade escolar pudesse acessar. Foi somente em 2012/2013 que foram colocados cabos de fibra óptica em pontos chave (chamado de “anel”). Algumas escolas e postos de saúde receberam o título de “Pop” - foram colocados armários e cabeamento para fortalecer o sinal de internet para que o mesmo pudesse ser ampliado para uso. Em 2016, todas as escolas receberam sinal de fibra óptica e, a partir de 2017, surge o primeiro ambiente virtual utilizado para a formação dos professores - utilização do Moodle. Em 2018 e 2019 as escolas receberam o cabeamento de fibra óptica (cabo azul) e expandiram seus sinais de internet na escola, incentivadas pelo projeto “Educação Conectada”. Ainda utilizavam o sinal de Wi-fi do ProInfo, sendo que foi somente em 2022 (após o período mais grave da pandemia) que a prefeitura conseguiu providenciar o sinal de Wi-fi nas escolas (ROSA, 2022).

estudantes, com o intuito de manter a qualidade do sinal. Somente professores, equipe diretiva e visitantes podiam ter acesso à rede da escola.

Seria a senha suficientemente forte (e secreta) para barrar o desejo estudantil por acesso? A resposta é não, pois ela vaza de múltiplas maneiras através de vários personagens envolvidos no cotidiano da escola, desde professores que não tinham o conhecimento do elemento secreto da senha e a compartilharam com os estudantes, até os ouvidos afiados dos próprios, que captam a informação no ar, quando algum convidado desavisado pergunta em voz alta o código de acesso: “A existência maciça de uma repressão social que incide sobre a produção desejante não afeta em nada nosso princípio: o desejo produz real, ou a produção desejante não é outra coisa senão a produção social” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 48).

Desta forma, os estudantes maquinam esquemas que conectem sua máquina-corpo-celular com os fluxos acessíveis a partir do sinal de internet, sempre no intuito de produzir algo a partir da interação com uma quantidade quase infinita de jogos, aplicativos, sites, etc. Como veremos, muito se produz a partir desta interação maquínica.

A curiosidade, pulsão de vida com fome do desconhecido, emana das vontades das jovens mentes da periferia de São Leopoldo, que também tem fome de tudo, inclusive de acesso:

Desfrutando do seu devir androide, estudantes das séries finais empunham seus celulares se acotovelando em um corredor pequeno, estreito e escuro (que conecta uma das entradas da escola ao pátio), já lotado de crianças pequenas do primeiro ano organizadas em fila. No meio daquele encontro lotado de intensidades, movimentos “borbulhantes”, timbres juvenis, a linguagem se produz, caótica e sincrônica, ao vento: “Aqui está melhor! Não... o sinal é melhor mais perto do EVAM<sup>14</sup>”, “O que tem de merenda?”, “Vamos gritar? Aaaaahhh!!!”, “Consegui sinal perto do pátio... ô sooor: qual é a senha do Wi-Fi!!?”<sup>15</sup>

Intempestivos que são, os jovens inventam possibilidades a todo momento, redesenhando seus mapas para aplacar seu desejo por acesso: “o sinal é melhor perto do EVAM!”, enquanto suas maquinações se sobrepõem às questões tão simples humanidade,

---

<sup>14</sup> EVAM: Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia. A partir dos anos 2000 as escolas de São Leopoldo começaram a criar seus laboratórios de informática. Porém, haviam poucas máquinas, profissionais habilitados e não haviam formações. No ano de 2005 instituiu-se a Coordenação de Informática Educativa da SMED (Secretaria Municipal de Educação) e a partir de então os laboratórios de informática passaram a ter uma nova denominação: Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia - EVAM, com acompanhamento pedagógico aos professores (SOUZA, 2012, p. 17).

<sup>15</sup> Caderno de campo 1, dezembro de 2018.

presentes há incontáveis eras na existência dos seres vivos: “o que tem de merenda?”. Como criar as condições para o surgimento da curiosidade, das conexões ou afetos de barriga vazia?

O território escolar é composto por 2 dimensões: física (espaço analógico, que envolve seus prédios, pátios, terrenos, salas, quadra de areia, biblioteca e horta), e virtual (grupos de whatsapp, perfis do Instagram/Facebook, comunicação via Messenger). Ambas se encontram no mesmo plano, coexistindo, criando a partir de múltiplos desejos da comunidade escolar.

Ninguém lembra como tudo começou, mas é inegável que a tecnologia digital está assimilada à vida nesta escola: fios do fone de ouvido, fios de cabelo, celulares, relógio do alarme, máquinas fotográficas, compõem a nova rosticidade mutante da escola, “jogando na cara” a expressão da subjetividade capitalística: nas escolas do município de São Leopoldo também se consome (e muito!): volume no máximo, funk pegado, fome de registros fotográficos de segundos eternos e efêmeros.

Na EMEF Prof<sup>o</sup>. Emílio Meyer, uma das possíveis expressões do devir digital necessariamente perpassa pela insistência desejante dos estudantes que utilizam os mesmos lugares inventados e conquistados na rota da busca pelo melhor acesso à internet.

#### **4. Caminhos do desejantes na escola**

Em reportagem para o canal BBC, de 21 de dezembro de 2022, a jornalista Laís Alegretti apresenta os caminhos do desejo de Brasília. São caminhos inventados por pedestres em uma cidade planejada para carros. Esses caminhos geralmente são as rotas mais curtas ou mais convenientes para os pedestres (ALEGRETTI, 2022).

Em alguns casos, esses caminhos de desejo são enfrentados pelas autoridades, que sobem cercas, ou plantam vegetações mais espessas que impedem o acesso imediato da rota subversiva. Mas nada adianta, os caminhos seguem sendo inventados e percorridos, apesar das tentativas de proibição ao seu acesso.

Pode-se dizer que, de maneira análoga, o mesmo fenômeno ocorre na escola. Os estudantes também improvisam caminhos para criarem acesso ao sinal Wi-fi. Buscam as rotas mais curtas, que facilitam a conexão, e que são, constantemente, barradas pela autoridade (nesse caso, encarnado na escola).

Tal como desenhar uma forma geométrica desenhada sobre sua forma várias vezes (como fazemos no papel ou na areia, por exemplo), reforçando o limite dos seus traçados, os

corpos estudantis caminham pelos mesmos espaços, mapeando o território e ocupando essas rotas.

Vida que também acontece no intervalo entre clicks, likes, emojis. Na tentativa de saciar o desejo que move o devir-humano pelo uso da tecnologia, os estudantes se comprimem em uma espécie de “cluster” de carne, mixórdia de máquinas desejantes e desejadas, que encontram em espaços apertados, não imaginados para serem pontos de permanência dos corpos no estriado espaço escolar, a possibilidade de realização dos seus desejos relacionados ao acesso.

Enfim, uma terceira direção, que consiste em buscar um estatuto para as "máquinas de guerra", que não seriam definidas de modo algum pela guerra, mas por uma certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaços-tempos: os movimentos revolucionários (...) (DELEUZE, 1996, p. 212).

Na sua batalha contra a instituição, ou mesmo contra o Estado, a juventude tenta conquistar novas posições, impensadas até então pela escola: está aberta a temporada de caça às microrregiões onde o sinal de wi-fi (recém inaugurado na escola) funcionou de forma decente.

Corpos jovens que não param de produzir: correm, pulam, se acotovelam: cortam os fluxos já existentes dos territórios que invadem, ou o seu próprio fluxo, pois muitas vezes deveriam estar em algum outro momento da rotina escolar e resolveram dar uma “escapadinha” e tentar o acesso em algum desses lugares dessa via inventada (access points).

Criador do real por excelência, a inquietude do desejo leva os estudantes a lugares específicos na escola, como o corredor em frente à sala do EVAM (laboratório de informática), porta de saída do refeitório, lugares aleatórios ao lado da biblioteca ou alguns pontos específicos das salas de aula 12 e 13 (segundo andar da escola, acima do EVAM).

“O desejo faz constantemente a ligação de fluxos contínuos e de objectos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, corre e corta.” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 11). Talvez só perdendo somente para a velocidade da luz, a segunda velocidade mais rápida diagnosticada na existência do universo, seja a do pensamento juvenil em busca criar estratégias de acesso.

Os estudantes-ciborgues são máquinas de guerra que tentam constantemente ludibriar o controle institucional, especialmente no que se refere ao acesso à comunicação online.

Quando essas “momentos” de acesso ocorrem, a singularidade dos encontros produzem acontecimentos de intensidade variável, reverberando mais ou menos dentro do ambiente escolar. Junto ao acesso, quietude e falta de movimento contrastantes com a correria escolar caótica que circunda esses corpos agora estendidos.

## **5. Construções e tensões ciborgues na escola**

Em uma realidade escolar complexa, cheia de encontros e desencontros, muito se produz. Apesar do olhar deste trabalho focar em algumas tensões ocorridas na intersecção humano x tecnologia, é possível se perceber que práticas educacionais relevantes também acontecem.

Com destaque para as aulas do professor de Língua Inglesa, que passou a orientar os estudantes em produções cinematográficas utilizando os telefones celulares<sup>16</sup>. Ou, em outro território escolar, os resultados positivos do suporte que aplicativos dão para crianças de inclusão. Infinito é o poder de criação desses encontros maquínicos.

Porém, em 2018 quanto mais os celulares e a internet avançam para o interior da escola, mais o exterior avança junto, forçando uma reestruturação do controle por parte da instituição. Estudantes, familiares (ou mesmo pessoas estranhas) ganham força e formas nunca antes vistas no território escolar.

A constatação destes novos fluxos, inicialmente estranhos à rotina escolar, tornam-se uma grande preocupação para a equipe diretiva e professores. A possibilidade dos estudantes poderem se comunicar livremente com qualquer pessoa sem precisar da mediação escolar, criam preocupações extras, que não estavam sendo debatidas com profundidade até então pela comunidade da Feitoria.

Algumas ações foram tomadas no sentido de entender o fenômeno e organizar a situação. No mês de março do ano seguinte (2019), tradicionalmente as escolas do município organizam suas assembleias escolares, onde recebem as comunidades onde estão inseridas para dialogar sobre o ano letivo.

O celular apresenta outros fluxos na escola, codifica novas linguagens sob as antigas tecnologias presentes na escola: em um passado nada distante esse plano virtual ainda não

---

<sup>16</sup> Ainda pode-se destacar: mais eficiência no registro de conceitos e pareceres, melhor comunicação com toda a comunidade escolar, devido, principalmente, aos perfis criados em nome da escola nos aplicativos Facebook e Whatsapp.

existia. Antes, não havia outros meios de comunicação que não precisassem passar pela tutela da escola<sup>17</sup>.

No mês de março, em um auditório lotado, barulhento, mistura de muitos odores, com um calor de quase 40° graus, foi realizada a assembleia de abertura do ano letivo. Neste evento são abordados assuntos que tradicionalmente orientam o ano letivo corrente (apreciação de calendário escolar, apresentação do professores, dentre outras coisas).

Diferente dos anos anteriores, o tópico “uso do celular nas dependências da escola” foi colocado em pauta no evento. A diretora, que fez um breve histórico da presença dessas tecnologias na escola, coloca a questão para a comunidade: devia o celular ser proibido no ambiente escolar?

Se sucedem as falas dos pais, professores e equipe diretiva. Uma professora evocada a lei estadual nº 12.884, de 03 de janeiro de 2008, que proíbe o uso do celular no interior da escola<sup>18</sup>. Defende que o celular tira a atenção dos estudantes, sendo fonte para comportamentos inadequados, que tornam suas aulas mais complicadas.

Muitos professores não conseguiam visualizar como o aparelho celular poderia entrar em seus planejamentos. Alguns foram veementemente contra a sua presença na escola, alegando que o mesmo absorve a concentração dos alunos e, para além, não querem planejar aulas com esta ferramenta.

Assim como o ambiente quente do teatro, as discussões começam a se “acalorar”: alguns pais pedem para a escola barrar o acesso de estudantes que trazem os aparelhos, enquanto outros relatam que precisam ter um canal de comunicação de seus filhos. Nenhum estudante foi escutado no evento.

Ao final da assembleia, após votação apertada sobre proibir ou não o uso dos celulares no interior da escola, ficou decidido que os estudantes poderiam trazer seus aparelhos, mas que só podiam utilizá-los para ver as horas ou para realizar atividades sugeridas pelos professores.

Mesmo assim, ao longo do ano letivo, num movimento contra as decisões da assembleia, acontecimentos relacionados à presença do aparelho celular começaram a “pipocar” dentro da instituição.

---

<sup>17</sup> Alguns territórios escolares já proporcionam possibilidades maiores de encontros entre a comunidade escolar, alguns mais óbvios como o portão de entrada, outros mais sutis, como a capacidade de comunicação contida nos olhares, sorrisos, gritos, caretas e gestos dos estudantes que chegam perto das janelas, quando estabelecida conexão com as singularidades transeuntes da calçada.

<sup>18</sup> “Art. 1º - Fica proibida a utilização de aparelhos de telefonia celular dentro das salas de aula, nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Parágrafo único - Os telefones celulares deverão ser mantidos desligados, enquanto as aulas estiverem sendo ministradas” (Porto Alegre, 2008, p. 1).

Fatos que despertaram a atenção da equipe diretiva, que prontamente começou a agir para se adaptar ao novo contexto tecnológico que se apresenta. De pronto, ficou muito claro que o equilíbrio das forças é completamente diferente em ambientes virtuais de comunicação como os aplicativos Facebook ou Whatsapp.

Segundo orientação da Secretaria de Educação (SMED), 2019 foi um ano escolhido para se reescrever o Regimento Escolar. Tal documento, bem como o Projeto Político Pedagógico, visa produzir orientações que direcionam a instituição. Devido aos muitos casos disciplinares envolvendo essas tecnologias, foi decidido escrever um tópico totalmente dedicado ao assunto<sup>19</sup>.

Dessa forma, cada escola procurou criar orientações para o uso adequado do celular em sala de aula. Na Emílio Meyer, a maioria dos estudantes utilizam seus telefones de acordo com o comportamento idealizado pela escola: casualmente observam as horas, fazem pesquisa e estudam a partir do seu acesso.

Porém, alguns momentos tensões também são produzidos nesses acoplamentos: celulares e o uso de aplicativos também se fazem presentes “na cena do crime” de algumas situações violentas: câmeras que registram deliberadamente um ato de bullying no banheiro, grupo de whatsapp criado para xingar a escola, perfil do Instagram para espalhar fofocas e xingamentos “ao vento digital” (formado por zeros e uns).

## **6. Uma novidade emerge no início do Conselho de Classe do segundo trimestre**

Criou-se um momento de comoção entre o grupo de professores ali reunidos aos saberem da existência de dois grupos do aplicativo Whatsapp criado pelos estudantes. O primeiro a ser citado, e que causou maior furor, foi o grupo denominado ‘Emílio Merda’. Criado inicialmente para zoação entre alunos, tomou proporção maior ao apresentar para compartilhamento um vídeo de uma professora da escola discutindo com os alunos. O outro foi um grupo criado para o compartilhamento de fotos e imagens de provas e trabalhos. Assim, estudantes obtinham de primeira mão as questões que deveriam responder nas suas provas, por exemplo. Outro fato que chama a atenção é que foram os próprios estudantes que alertaram para a existência dos dois grupos. Em resposta, os professores já identificaram os estudantes que criaram os grupos. Também chegaram à conclusão de que, apesar de terem definido a presença do telefone celular em sala de aula como parte do material requisitado

---

<sup>19</sup> A escrita do Regimento Escolar durou de Março a Dezembro de 2019.

pedagogicamente, não haviam definido regras mais claras sobre o seu uso no dia-a-dia.<sup>20</sup>

Durante o Conselho de Classe do segundo trimestre escolar de 2019, foi relatado pela supervisora a criação do grupo de Whatsapp denominado "Emílio Merda", um trocadilho com o nome da escola<sup>21</sup>. O título é exitoso em passar a mensagem para quem se aproxima dessa região: é um espaço-tempo pensado para deliberadamente atacar a escola.

Lá, as regras do mundo físico escolar não se aplicam: estudantes de várias séries do ensino fundamental estavam "misturadas" frequentando o mesmo espaço não necessariamente no mesmo horário, sem limite de tempo ou ética para dialogar sobre o que quisessem. Ao que tudo indica, outros adolescentes não matriculados na escola também tinham acesso.

As extensões virtuais estudantis encontram momentos de liberdade quando o grupo inventa um espaço-tempo virtual longe do panóptico escolar. Não existem adultos ou professores para mediar as demandas estudantis, são só os desejos que se somam ou divergem em ataques contra a escola: fala-se de outros estudantes, professores e da equipe diretiva. Catarse cibernética.

A presença do aplicativo produz um alvoroço na escola, pois a "máquina de guerra" dos estudantes acabava por infligir um duro golpe na instituição escolar. Os grupos de Whatsapp estavam funcionando como uma espécie de "revanche" contra tudo que suas mentes juvenis consideram de errado na escola. Por ali, o controle dos pais ou da instituição são facilmente ignorados.

No caso específico destes grupos de Whatsapp da E.M.E.F. Prof<sup>o</sup>. Emílio meyer, palavrões, xingamentos, Bullying, dentre outras expressões de comportamento violento, são verificadas.

Os estudantes, inclusive, possuem uma linguagem viva, cheia de gírias e "erros" de português, emojis, figurinhas animadas (algumas feitas a partir de fotos de professores), impondo um desafio de compreensão para a equipe diretiva.

Essas tecnologias estão inseridas em um contexto onde existem condições de se produzir acontecimentos relacionados à violência. Os dados sobre a realidade periférica dos

---

<sup>20</sup> Relato do caderno de campo, trecho retirado do dia 03/06/2019, durante o Conselho de Classe do segundo trimestre escolar.

<sup>21</sup> Foram descobertos 2 grupos criados pelos estudantes. Além do "Emílio Merda", também existia outro em que os estudantes de diferentes turmas trocavam fotos de provas das matérias em que eram atendidos pelos mesmos professores.

estudantes, especialmente ligados à violência, apontam que os jovens estão convivendo com múltiplos tipos de violência: tráfico, violência doméstica, assédio, brigas de gangues, etc<sup>22</sup>.

Essa condição de violência do *socius* transborda para dentro da escola. Não é uma escola onde ocorram muitos casos graves de violência, porém, existem condições sociais para que acontecimentos dessa natureza emanem de vez em quando.

Embora a ligação entre os indivíduos seja diferente, seres humanos transpõem para as comunidades virtuais seus desejos, vontades e aspirações, das mais sublimes às mais perversas. Suas características específicas – distâncias relativas, proximidades digitais, anonimato – podem criar um terreno fértil para o desenvolvimento das qualidades que já existem nos indivíduos e na sociedade (MARTINO, 2014, pp. 45-46).

Os grupos não foram criados somente para agredir. Além de troca de flertes, indiretas, também foram utilizados para burlar o sistema de respostas. Nômades que são, ao ser possível o acesso ao aplicativo, houveram movimentos de manada em direção aos territórios virtuais. O capitalismo incentiva fluxos nômades e os estudantes povoam esses territórios antes dos professores e equipe diretiva.

A tentativa de anonimato através de avatares ou números de chips diferentes também faz parte do esquema, pois os membros desse grupo não queriam ser identificados, com medo de sofrerem as consequências dos seus atos.

Nem todos os estudantes do grupo concordavam com essa postura. Alguns se sentindo incomodados, procuraram a direção escolar que, imediatamente após o susto inicial, conseguiu identificar todos os estudantes envolvidos no evento. Após conversa com familiares e registro do ocorrido em ata, os grupos foram apagados.

## **7. Atualização do Regimento escolar**

A partir do conselho de classe, ficou mais do que claro que a escola precisa de regras para tentar equilibrar a presença da tecnologia em seu território. Assim, aproveitando uma demanda da secretaria municipal de educação, que exigia a renovação dos Regimentos

---

<sup>22</sup> São Leopoldo é uma cidade grande, localizada na região metropolitana de Porto Alegre. O bairro Feitoria, o maior da cidade, apresenta proporcionalmente números elevados de roubos, furtos e tráfico de drogas. As estatísticas dos indicadores criminais em cada cidade do Estado estão disponíveis em: <https://ssp.rs.gov.br/indicadores-criminais>

Escolares e Projetos Políticos Pedagógicos, a equipe diretiva decidiu reformular esses documentos, abrindo espaço para discutir sobre a sua presença na escola<sup>23</sup>.

Agora, é preciso apresentar algumas diretrizes sobre a presença da tecnologia nos espaços escolares. A redação desses documentos, conforme orientação da mantenedora (SMED), adentrou praticamente todo o ano letivo de 2019 para a sua composição.

A E.M.E.F Profº. Emílio Meyer, em sincronia com as mudanças mundiais, também tenta entender o novo momento. A presença massiva dos celulares no platô da educação é controversa. Em sociedades desenvolvedoras desta tecnologia, as leis oscilam entre a proibição e a permissão do seu uso na escola<sup>24</sup>. Fica evidente que a escola contemporânea precisou se readaptar.

O aluno poderá usar celular durante as aulas SOMENTE para fins pedagógicos e com a permissão do professor, e durante o recreio. O aluno que, por três vezes for pego utilizando o celular para outros fins (redes sociais, ligações, Whatsapp, mensagens), sua família será chamada para conversar com a Direção. Lembramos que a escola não se responsabiliza pelo extravio destes aparelhos (Regimento Escolar E.M.E.F. Profº. Emílio Meyer, 2019).

A disciplina moderna é mais uma vez evocada como forma de formatação de subjetividades contemporâneas. Resta saber o que acontece com estudantes pegos pela 4ª vez, pois certamente, em algumas brechas, esses ciborgues desejosos por interação com as tecnologias digitais, vão se acoplar a máquina-telefone. E quem não iria?

As escolas municipais não agiram de maneira uniforme em relação a presença da tecnologia digital. Existem relatos de outras escolas da rede municipal leopoldense onde os estudantes, de acordo com o que foi estabelecido em assembleia com os pais e comunidade, deixam deliberadamente seus aparelhos celulares em um armário localizado na entrada do prédio (cada turma possui sua própria prateleira). Cada escola é um universo.

Nesse processo sempre inacabado de tornar-se digital, a escola Emílio Meyer demonstra que está atenta às mudanças. Porém, serão as ações do dia a dia da rotina escolar que irão apontar o que funciona e o que deve ser repensado.

O mais importante é não deixar os principais interessados, os estudantes, de fora dos processos decisórios sobre temas tão importantes para suas vidas, e, ao mesmo tempo,

---

<sup>23</sup> Ao longo do ano foram realizadas, 1 vez por mês, Reuniões Administrativo-Pedagógicas (RAP) onde foram criados momentos para o debate sobre a reformulação do Regimento Escolar.

<sup>24</sup> Como no caso das grandes metrópoles como Tóquio, Paris, Nova York (EUA), onde, na última década, celulares já foram banidos e readmitidos nas escolas.

construir as condições necessárias para garantir ao ciborgues adolescentes que povoam seu território físico, o pleno acesso com ética e respeito aos territórios virtuais.

## Referências

ALEGRETTI, Laís. '**Linhas do desejo**': os caminhos inventados por pedestres na cidade feita para carros. BBC News Brasil, Londres, 21 de dezembro de 2022.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede, volume 1**. 17ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. **Conversações**. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix . **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André (Org.). **Imagem Máquina**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. In: SOUZA, Tomaz Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HERSCOVITZ, Gustavo. Caderno de Campo 1. São Leopoldo: 2018 - 2019.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, subjetividades**. 1ª Edição. Edições Sesc São Paulo: n-1 edições, 2014.

LÉVY, Pierre. **A Cibercultura**. 1ª Edição. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. 1ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PASSOS, Eduardo; de BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia, da ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa, intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

**Regimento escolar da escola Emílio Meyer**. São Leopoldo: dezembro, 2019.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Lei estadual nº 12.884, de 03 de janeiro de 2008. Dispõe sobre o uso de aparelhos telefônicos celulares nas dependências da escola. Porto Alegre, Diário Oficial do Rio Grande do Sul (DOE), 2008.

ROLNIK, Suelly. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. 1ª Edição. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROSA, Lisiani Moraes da. Lisiani Moraes da Silva: depoimento (Dez. 2022). Entrevistador: Gustavo Herscovitz. São Leopoldo: SMED, 2022.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUZA, Márcia Daiane Kehl. **Espaços Virtuais Escolares Dissociados da Internet: um estudo de caso**. TCC (Especialista em Mídias da Educação) - Faculdade de Educação, UFRGS. Porto Alegre, p. 47. 2012.

*Enviado: 30 de janeiro de 2023*  
*Aprovado: 07 de junho de 2023*